

Reseña doble: *Immanuel Kant. Lecciones de Antropología. Fragmentos de estética y antropología.* Edición crítica y traducción de Manuel Sánchez, Comares, Colección Claves, Granada, 2015, 272 pp., ISBN: 978-84-9045-261-5.

## Antropologia e estética na gênese do sistema kantiano

### *Anthropology and Esthetics in the Genesis of the Kantian System*

MÁRCIO SUZUKI\*

Universidade de São Paulo, Brasil

Seria certamente pouco dizer que esta seleção e tradução de textos dos *Cursos de Antropologia* traz um farto material para todos os leitores da filosofia de Immanuel Kant, especialmente aqueles que se interessam pela sua antropologia e estética: este volume organizado e traduzido por Manuel Sánchez Rodríguez constitui provavelmente um marco importante para os estudos de Kant no âmbito do mundo ibérico e latino-americano, estabelecendo um parâmetro para futuras edições dos Cursos de Lógica, de Metafísica, de Moral e mesmo para uma edição dos Cursos de Antropologia em português.

De fato, todo aquele que alguma vez pensou em traduzir alguma dessas séries de cursos, ou mesmo parte dela, deve ter certamente deparado com a questão: por que este curso e não outro? Por que não combinar uma parte mais bem desenvolvida num curso com outra seção de outro, embora tratando-se de datações distintas? E, no final, provavelmente, diante da dificuldade de selecionar e organizar tanto material, a escolha acaba recaindo sobre um curso ou, pior, sobre nenhum.

A proposta do tradutor espanhol, pesquisador da Universidade de Granada, é direta: trata-se de trazer ao público em geral uma vasta seleção dos textos referentes à estética kantiana, no momento fecundo de seu desenvolvimento nos anos 1770-80, quando

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Brasil). E-mail de contato: [tupynamba@uol.com.br](mailto:tupynamba@uol.com.br).

caminha (embora nem sempre progressivamente e sem atritos) lado a lado com outras disciplinas também em vias de se formar, como ocorre especialmente com a antropologia pragmática. A leitura do livro é particularmente prazerosa, não só pela tradução, mas também porque o leitor não sente cortes abruptos, naturais numa compilação e mesmo na leitura dos textos originais dos cursos, tendo em vista o caráter inacabado deles. Aos fragmentos escolhidos são acrescentadas notas contendo passagens paralelas elucidativas, extraídas das Reflexões e dos Cursos de Lógica, Moral e Metafísica, da Correspondência, das Críticas, além de indicações de fontes e referências utilizadas por Kant.

O estudo preliminar coloca o leitor em pleno ambiente no qual surgiram as preocupações de Kant: em primeiríssimo lugar, trata-se de saber se os ensinamentos encontrados nos cursos são mesmo de Kant, ou meras repetições do ensino dogmático dos manuais que utilizava na Universidade de Königsberg. Advertindo que o recurso às Reflexões e às cartas são indispensáveis para a datação dos textos (e que estes, portanto, deve ser usados com prudência), o autor mostra consistentemente, contra a tese da “vida dupla” do professor e do pensador Kant, que as aulas apresentavam sim um conteúdo doutrinal próprio, e que, por isso, a antropologia não se constrói sobre os moldes do saber escolástico: o ensinamento mundano que nela se busca não procura encontrar os fundamentos racionais das máximas a serem seguidas na vida, mas em considerá-las segundo seu valor pragmático. Mostra-se assim o vínculo da antropologia com a filosofia moral, da prudência com a sabedoria, da formação estética com a formação ética no interior do sistema. Particularmente interessante é a longa discussão sobre o desenvolvimento do pensamento kantiano de 1770 a 1790. Aqui, embora o foco seja ainda a estética, o autor mostra o entroncamento dos temas do gosto e da sensibilidade nos problemas gnosiológicos discutidos em textos como a *Dissertação de 1770*, com sua divisão entre o sensível e o intelectual, que determinará o afastamento da estética “dogmática”. Ao longo do percurso é possível ver como a estética deixa de ter uma pretensão científica e como o gosto ganha estatuto de um *a priori* subjetivo de validade universal na *Crítica do juízo*.

Apesar das diferentes faces pelas quais ilumina o pensamento kantiano – ou até talvez por isso mesmo – não será exagerado caracterizar a concepção dessa valiosa compilação espanhola com um termo fundamental para Kant e certamente caro ao tradutor: o livro tem “espírito”. Mais ainda: talvez não seja arriscado dizer que ele tem um espírito *dogmático* – dogmático no melhor sentido da palavra, aquele, aliás, prezado também por Kant, a despeito das distâncias que pretendeu tomar em relação a ele. Pode-se discordar de uma ou outra opção de tradução (*facultad creativa* para *Dichtungsvermögen* ou *facultas fingendi*) ou de um ou outro texto esquecido pelo tradutor (a única ausência realmente lamentável é o trecho da *Antropologia Parrow* que fala da diferença entre Rafael, Corregio e Ticiano a partir de um texto de Anton Raphael Mengs), mas não se pode negar o rigor filosófico e filológico com que se desincumbiu de sua tarefa.

O livro revela um espírito dogmático também num sentido mais amplo. É que, por mais que a reflexão antropológica e estética tenda a se consolidar ao longo dos anos num afastamento progressivo em relação ao dogmatismo, ela jamais deixou de guardar as marcas deste. E isso não só no seu vocabulário técnico, na *Gründlichkeit* de seus conceitos, definições, juízos e raciocínios. Uma breve passada de olhos por algumas notas à tradução servirá para tornar nítida essa persistência do dogmatismo: apesar de criticar a teoria baumgartiana do engenho (*Witz*) e assimilar a sutileza ao Juízo, a concepção kantiana do engenho não seria alheia à de Baumgarten, nem sua teoria do entendimento sadio e do engenho natural distante da teoria de Georg Friedrich Meier (pp. 27-28). Essa revalorização do pensamento dogmático é particularmente notável na nota sobre a relação entre gênio e espírito (pp. 171-172), na qual se desenha nitidamente a influência de Leibniz, Baumgarten, Meier, Eberhard e Sulzer sobre esse tema central da *Crítica do juízo*.

É principalmente nesse ponto que a tradução e também vários artigos de Manuel Sánchez Rodríguez se tornam fecundos para a *Kant-Forschung*: se é verdade que engenho natural, espírito e gênio (noções que são indefiníveis, inapreensíveis para o entendimento) são herança do dogmatismo, a distância que separa a psicologia empírica e a antropologia pragmática não seria muito menor do que se imagina? Enquanto nas outras partes do sistema se consolida a divisão entre o racional e o empírico e, com isso, o afastamento em relação à “metafísica”, a proximidade entre a razão e o sentimento é de algum modo preservada na antropologia pragmática e na *Crítica do juízo*.

Inexplicável segundo uma regra lógica, a aplicação da regra ao caso (pelo *Mutterwitz* ou pelo *juízo*) não é já o modo como se passa de um saber meramente teórico a sua execução prática? A vivacidade de uma obra ou tirada espirituosa não é o que distingue um saber mundano de um conhecimento escolar? E com isso não se está já a um passo de supor que o *espírito* da filosofia kantiana, o espírito do criticismo, deve muito mais aos dogmáticos do que o velho espírito de meticulosidade com que Kant lhes reverencia na *Crítica da razão pura*? Enfim, a *Schulweisheit* estaria tão distante assim da *Weltweisheit*?

**Una reconstrucción del problema del juicio reflexionante a la  
luz de las *Lecciones de Antropología***

*A reconstruction of the problem of reflective judgment in the light  
of Lectures on Anthropology.*

ALBA JIMÉNEZ RODRÍGUEZ<sup>1</sup>

Universidad Autónoma de Madrid, España

La cuidada edición crítica de las Lecciones de Antropología de Kant presenta al lector una extensa colección de textos inéditos de entre los años 1772 en que Kant empieza a impartir sus lecciones de Antropología hasta 1789. A éstos se añaden algunos fragmentos complementarios del legado póstumo, la correspondencia y las lecciones de lógica, metafísica y moral. De los *Mitschriften* publicados por primera vez en 1997 en la edición de la Academia aparecen recogidos en este volumen los correspondientes a los siguientes semestres: semestre de invierno de 1772/1773 (*Antropología Collins; Antropología Parow*), semestre de 1775/1776 (*Antropología Friedländer*), semestre de 1777/1778 (*Antropología Pillau*), semestre de 1781/1782 (*Antropología Menschenkunde*), semestre de invierno de 1784/1785 (*Antropología Mrongovius*) y semestre de 1788/1789 (*Antropología Busolt*). El manual que empleó Kant para dictar estas lecciones de antropología fue la *Metafísica* de Baumgarten.

La selección de los fragmentos sigue el criterio de proporcionar un análisis comparado de materiales que permitan reconstruir la formación de las tesis fundamentales de la *Crítica del Juicio*. La elección de Manuel Sánchez hace posible por lo demás, tanto explicar con éxito la conexión sistemática entre el problema del juicio reflexionante y la teoría del conocimiento sensible del Kant de 1770, como determinar las condiciones de posibilidad de la fijación de una teoría del gusto de carácter trascendental mostrando cómo el desarrollo de los problemas gnoseológicos y la evolución de su teoría de las facultades le permite elaborar su proyecto estético maduro; si bien podría, en todo caso, haber sido completado con algunos fragmentos por ejemplo de la *Antropología Dohna Wundlacken*,

---

<sup>1</sup>Profesora Titular Interina. Universidad Autónoma de Madrid. E-mail de contacto: [alba.jimenez@uam.es](mailto:alba.jimenez@uam.es) .

también pertinentes para el estudio de las cuestiones en torno a las cuales gravita la selección realizada.

El planteamiento de Manuel Sánchez, además de constituir un ejemplo para los que en el ámbito de la *Kantsforschung* iberoamericana quieran abordar un trabajo de investigación y traducción de alguna de las *Vorlesungen*, tiene la virtud de llevar a su máximo rendimiento la perspectiva historiográfica. Una lectura atenta del libro permite así reconstruir con mucha exactitud cuáles son las principales claves interpretativas del proyecto estético de Kant, con quién dialoga éste en cada momento, qué significado tenían algunos términos significativos en el contexto teórico en el que imparte sus lecciones y cómo les otorga una nueva carta de ciudadanía, qué relaciones existen entre el latín y el alemán académico de la época —el cual sólo hacía unos pocos años empezaba a consolidarse como lengua oficial de transmisión filosófica— o cómo algunas de sus reflexiones remiten a ciertas tesis de autores contemporáneos a él, ya sea con la intención de criticarlos, modificarlos o incorporarlos en sus propios planteamientos.

La presente edición nos permite por su parte encontrar soluciones para uno de los puntos más enigmáticos de la filosofía kantiana, como es el estatuto de la antropología. Entre los lectores familiarizados con las obras críticas de Kant, el yo suele presentarse como unidad formal que vincula las representaciones, quedando reservado su análisis para los dominios de la lógica. El estudio del yo del que pudiera ser objeto la antropología suele asimilarse a la psicología empírica incapaz de establecer una diferencia cabal entre la conciencia pura y el sentido interno que pone en conexión a los fenómenos a través del tiempo. En la primera *Crítica* la Antropología es presentada precisamente en relación con el carácter empírico o fisiológico que determina la conducta de los hombres. La Metafísica de las Costumbres es por su parte definida como la moral pura donde las condiciones empíricas pertenecientes al dominio de la antropología deben quedar al margen. Y, sin embargo, en la propia *KrV*, la propia psicología empírica, definida en nuestras lecciones como “doctrina natural” (p. 47) o “doctrina empírica” (p. 190) es remitida a una antropología paralela a la doctrina empírica de la naturaleza. Por otro lado, a pesar de su carácter pragmático, las tres preguntas conductoras de la filosofía crítica (correspondientes a la metafísica, la moral y la religión) son remitidas a la pregunta por el hombre. De esta forma, la truncada posibilidad de una antropología trascendental —raíz común entre Metafísica de la Naturaleza y Metafísica de las Costumbres— hace del ambiguo estatuto de esta disciplina un punto de gravedad fundamental en el estudio sistemático de Kant. La Antropología, como nos explica el editor en su estudio preliminar, se convierte en ese momento en una disciplina diferenciada de otras y adquiere un valor singular por su carácter popular o práctico.

Este carácter práctico remite a otra cuestión crucial abordada en el seno de estos textos, como es el problema de la aplicabilidad de la sabiduría moral a sus condiciones sensibles o la mediación entre los universos heteróclitos de lo sensible y lo inteligible diferenciados en la Disertación inaugural de 1770. En este contexto, se introduce por ejemplo el concepto de “belleza independiente” que orienta los fenómenos intuitivos a

partir de los conceptos de la razón. Así, la crítica del gusto fraguada en estas lecciones se resuelve justamente como *tertium quid* entre el concepto de *cognitio sensitiva* de la tradición racionalista y las críticas vertidas por la tradición empirista anglosajona.

Frente al Kant por ejemplo de la *Crítica de la Razón Pura* o del *Opus Postumum* donde las operaciones de mediación entre la intuición y el concepto son descritas a través de complejos y abstractos procesos esquemáticos, en este libro se nos descubre a un Kant mucho menos erudito, con el objetivo de establecer reglas prácticas que orienten en concreto la conducta de los hombres, más en la línea de la autoilustración de Thomasius o Gracián, preocupados por asegurarla comunicabilidad y la accesibilidad de sus tesis filosóficas y por acercar la academia a la vida bajo los ideales del *bel esprit* y la galantería. En el caso de la propia antropología, Kant señala de forma directa sus utilidades prácticas (orientar las acciones, ganarse el favor de los otros, estar satisfecho con uno mismo o proporcionar los principios subjetivos de las ciencias) (p. 110) y la distingue en razón de su carácter pragmático de la antropología escolástica del tipo de la *Anthropologie für Aerzte und Weltweise* de Ernst Platner que aborda el origen de los fenómenos desde sus causas y fundamentos (p. 188). La antropología pragmática se limita a aplicar estos principios al servicio de la prudencia con el objetivo de ganar alguna utilidad en la sociedad.

Esta vocación popular no le impide a Kant sin embargo trazar distinciones sutiles como aquella entre la diferencia lógica y la diferencia real entre sensibilidad y entendimiento (p.113); entre una fantasía trastornada irregular y una fantasía trastornada desenfadada, la diferencia entre *anima*, *animus* y *mens* (p. 48), entre *facultas formandi*, *facultas imaginandi* y *facultas praevitandi* o la división entre civilización y moralización (p.220).

Algunas de las distinciones y precisiones trazadas en esta selección de textos resultan de gran utilidad para la posterior formulación de posiciones en la época crítica pero, como el propio autor advierte en su estudio preliminar, no se trata sólo de recoger las reflexiones como anticipaciones de las obras críticas publicadas, sino de examinar el valor del que gozan las mismas en su propio contexto. No pocos intérpretes han señalado la importancia de las lecciones para el estudio de la filosofía de Kant. Dicha relevancia no debe solamente cifrarse en el carácter anticipatorio o complementario de los textos publicados y supervisados por Kant. La lectura atenta de los apuntes de las lecciones de Kant, contruidos de modo que siempre puede leerse entre líneas las tesis del autor del manual del que Kant se servía para impartir sus cursos, permite además comprender cuál es el humus filosófico y los marcos de interpretación en los que deben ser entendidos algunas de sus posiciones o conceptos claves. Por ejemplo, resulta complicado entender la diferencia establecida por Kant entre intensión y extensión en el capítulo de los principios del entendimiento puro de la *Crítica de la Razón Pura* sin haber reparado en la recepción kantiana del cálculo de fluxiones newtoniano, la definición de grado wolffiana o la distinción trazada por Baumgarten entre *claritas intensiva* y *claritas extensiva*. Dicha referencia omitida en la primera *Crítica* es sin embargo rastreable en la lectura de algunos fragmentos y apuntes de las lecciones kantianas. En el caso que nos ocupa, el editor ha

añadido oportunamente el aparato crítico necesario con remisiones a las tesis principales de la *Schulphilosophie* alemana. En esta línea destacan las referencias al texto de Meier a propósito de los tipos de demostración, de las relaciones entre lógica y estética o de la conexión entre el concepto kantiano de juicio provisional y el concepto de suspensión del juicio y las referencias a Wolff y Baumgarten en relación con el concepto de imaginación, ingenio o *facultate characteristic*.

Por su parte Manuel Sánchez ofrece un arduo trabajo que, frente a otras exposiciones demasiado apegadas a cierta vocación sistemática limitada a reproducir los sedimentos de su aportación crítica, consigue presentar las tesis de Kant en pleno movimiento, haciendo visible al lector su rico proceso de formación, sus vacilaciones y los cimientos invisibles que permiten rastrear el camino por el cual nuestro filósofo llegó a pergeñar algunas de sus tesis fundamentales. Hecho que también resulta posible gracias al particular y complejo material con el que se enfrenta el autor, como son los apuntes de lecciones, y las dificultades y posibilidades que comporta todo el juego de mediaciones que supone el estudio de estos textos: mediación de un alemán antiguo con una idiosincrasia semántica y gramatical muy peculiar; mediación del propio alumno al transcribir e interpretar las palabras de Kant en sus anotaciones (algunos como Mrongovius, ni siquiera eran alemanes, aunque conocieran bien la lengua y muchos de los apuntes se reescribían en función de apuntes de otros alumnos); mediación del texto, que tras el decreto del Ministro de Instrucción y Culto era de obligada referencia para el profesor en sus clases —en este caso la obra de Baumgarten que hace de las notas de sus alumnos un auténtico palimpsesto bajo el cual siempre pueden rastrearse sus huellas— y la mediación, en fin, del que haciéndose cargo de todas estas mediaciones elige, traduce, anota, interpreta y selecciona con gran rigor filológico esta colección de textos con el fin de responder a ciertas preguntas teóricas determinadas, por ejemplo: ¿cómo surge y evoluciona el problema del juicio reflexionante de la *Crítica del Juicio*?

